

## 5

### **Considerações finais. O desafio do sujeito total no espaço urbano contemporâneo: entre múltiplas faces ambíguas, contraditórias e insurgentes**

Longe, bem longe de se configurar como um encerramento da discussão, o trabalho realizado até o momento se traduz apenas numa introdução inicial acerca do sujeito do/no espaço urbano. Logo, algumas questões foram privilegiadas, embora ainda careçam de um maior aprofundamento, e outras foram pouco exploradas ou somente aludidas, deixando em aberto a possibilidade de desenvolvê-las posteriormente. O próprio objeto exposto e analisado não permite um fechamento conclusivo definitivo, fazê-lo significaria entrar em contradição e ir de encontro com toda a ideia que estimulou a escrita dessas palavras em relação ao âmago constitutivo do sujeito total insurgente e a sua perpétua concretização no espaço-tempo, que ao mesmo tempo o condiciona e lhe dá a oportunidade de criar, de liberdade.

Toda a empreitada realizada nos permite reencontrar o sujeito total. Desde o início, já nos deparamos com essa condição existencial que o impulsiona a se transformar a todo instante de vida. A totalidade é inata assim como o processo de totalização, que o constitui permanentemente. Uma totalidade de base concreta, entrelaçada por um espaço-tempo determinado e determinante.

No decorrer do caminho analítico, vislumbrou-se o sujeito em concretização enfocando o papel do espaço nesse processo, ora posto como um instrumento de poder e de alienação imprescindível à reprodução do capital, ora concebido, percebido e vivido como uma via/ elo que possibilita a reunião e a apropriação dos elementos materiais e imateriais necessários à reprodução da vida. Em linhas gerais, esse é o contexto no qual o reencontro com o sujeito total se dá, que pode tanto potencializar sua condição de totalidade quanto pode de alguma forma tolhe-la, impedindo o desenvolvimento pleno das faculdades (físicas, mentais e sociais) e da consciência crítica do sujeito; inclusive influenciando em sua capacidade de mediação das mediações principalmente no que tange à maneira de vivenciar (perceber e conceber) e de criar mediações que fundamentam a sua concretude em sociedade, tal como a produção do espaço (tempo).

O sujeito é total por estar em contínua concretização. A premissa ganha maior plausibilidade se relacionada a contornos específicos do real, como o espaço da cidade do Rio de Janeiro sob a primazia do urbano, envolvendo a simultaneidade de contradições, tensões, conflitos, lutas e propostas de resistências e insurgências alternativas teóricas e práticas; o direito à cidade é um bom exemplo: surgida da percepção da aporia e concebida a partir da vivência prática (de lutas) enquanto um projeto de (re) existência em permanente construção pelo sujeito total no/do espaço.

O retorno, assim, viabiliza e torna visível diferentes rumos aos quais o sujeito total pode descobrir, produzir e tomar, não se deixando convencer nem se abater por prisões e labirintos que o cercam no cotidiano, ilusões objetivas criadas no bojo do poder do capital. Com isso se pretende propor respostas ou soluções prontas e definitivas? Certamente que não. Pelo contrário, se intenta realçar o óbvio que nos “acostumamos a esquecer” há algum tempo, muito em razão das forças alienantes que permeiam o cotidiano da vida urbana induzindo as subjetividades, controlando as corporeidades e limitando a amplitude e profundidade das ações, qual seja: o fato de que cada momento imediato da vida social apresenta-se e representa um conjunto de oportunidades a serem aproveitadas devidamente pelo sujeito total em prol da transformação da sociedade e ao mesmo tempo de si.

É claro que escrevendo estas palavras, não há ingenuidade de desconsiderar as idiossincrasias, as histórias, as necessidades e os desejos de cada um bem como as respectivas problemáticas sociais em que estão determinadamente inseridos de modo desigual, mas de ressaltar o que todas as pessoas têm em comum, uma potencialidade intrínseca ao seu ser: o de ser um produto e um processo, uma totalidade em permanente movimento (potencial) sempre prestes a se desenvolver, a apreender e a criar, seja por necessidade de sobreviver, seja para lutar, insurgir e (re) existir por uma causa, seja para produzir uma consciência crítica e reflexiva sobre a sociedade em que vive, seja para construir de forma autônoma sua própria história e geografia.

Além disso, também é notório que cada oportunidade é diferente da outra, com diversas implicações em jogo e com múltiplas possibilidades escondidas esperando para serem concretizadas. Como disse certa personagem anarquista no filme “V de Vingança”: “não há certezas, há oportunidades”. Guardando as

devidas aproximações, para o sujeito total há uma só certeza: a imperiosa necessidade de concretização, cuja realização, a curto, médio e longo prazo, somente se dará sob o primado dos princípios da reprodução da vida mediante o aproveitamento na prática (teórica) das inúmeras oportunidades que a vida cotidiana oferece, ainda que sucumbida às alienações do poder do capital. Em síntese, diz respeito ao que a realidade concreta, enquanto um espaço-tempo determinado e determinante, pode proporcionar ao sujeito, enquanto uma totalidade insurgente, na medida em que a própria realidade concreta é produto, condição e meio das (inter) ações do sujeito.